

XI ECOECO

VII Congreso Iberoamericano
Desarrollo y Ambiente

XI ENCONTRO NACIONAL DA ECOECO
Araraquara-SP - Brasil

REFLEXÕES SOBRE O TRADICIONAL E O MODERNO EM ÁREA DE CERRADO PIAUIENSE

Antonio Joaquim da Silva (IFPI) - antoniojoaquim@ifpi.edu.br

Professor do Departamento de Formação de Professores, Ciências e Letras/IFPI Teresina Central; doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPI/PRODEMA

Maria do Socorro Lira Monteiro (UFPI) - socorrolira@uol.com.br

Professora Doutora do Departamento de Ciências Econômicas/UFPI; Coordenadora do Programa de Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente/UFPI-PRODEMA

Eriosvaldo Lima Barbosa (UFPI) - eriosvaldobarbosa@hotmail.com

Professor Doutor do Departamento Planejamento e Política Agrícola/UFPI

REFLEXÕES SOBRE O TRADICIONAL E O MODERNO EM ÁREA DE CERRADO PIAUIENSE

Resumo

Este artigo analisa os contrapontos entre o tradicional e o moderno nas práticas agrícolas de agricultores familiares da comunidade rural Flores, situada no bioma Cerrado e que pertence ao município de Uruçuí-PI. Registra-se que Uruçuí se destaca por instalar o agronegócio granífero, o que tem repercutido na difusão da modernização tecnológica do campo e, conseqüentemente, em alterações nas paisagens, na organização produtiva, nas relações de trabalho e nos modos de vida rurais. Considerou-se, para efeito de discussão, os resultados das entrevistas, do tipo abertas e fechadas, com 57 agricultores familiares de Flores, cuja investigação centrou-se na hibridação cultural, entendida como um processo que visa redefinir um patrimônio de saberes e práticas para reinseri-lo em novas condições de produção e mercado. Conclui-se que os agricultores familiares resistem às transformações ocasionadas pelo agronegócio por combinarem seus conhecimentos e técnicas às inovações do agronegócio.

Resumo expandido

Assinala-se que o desenvolvimento do capitalismo na agricultura, principalmente no Brasil, implicou na hegemonia do agronegócio (que se caracteriza por integrar capitais agrários, financeiros e industriais) sobre a agricultura familiar, que de acordo com Carvalho (2011) consiste na gestão e investimentos da produção de gêneros alimentícios de primeira necessidade, praticada por grupos familiares e em pequenas parcelas de terras, validada, primordialmente, por trabalhadores com grau de parentesco.

Notadamente, para Graziano da Silva (1998), as políticas públicas de Estado foram responsáveis pela origem e expansão do agronegócio no Brasil; as ações foram constatadas nas disponibilidades de incentivos (subsídios, terras, infraestrutura, assistência técnica, etc.) e medidas (arrocho salarial, controle inflacionário, abertura comercial, intervenção cambial, etc.) que atuaram em benefício dos grandes grupos empresariais, principalmente das multinacionais do setor agroindustrial.

De fato, constata-se a atuação do Estado repercutiu decisivamente na estruturação e organização das cadeias produtivas locais e, inclusive, nos processos de modernização do padrão produtivo e ocupação de territórios por serem considerados rentáveis para a reprodução do capital.

Assim, salienta-se, segundo o IBGE (2014), que no Piauí, entre 1990 e 2011, a área plantada com lavouras temporárias com forte traço monocultor, como soja pela importância no mercado de *commodities*, cresceu de 1.560 hectares para 383.618

hectares, correspondendo a um aumento de 245,9 vezes da área plantada. Especificamente em Uruçuí, a área plantada com soja que era de 60 hectares em 1990 expandiu para 92.364 hectares em 2011, ou seja, uma evolução de 154% em 21 anos.

A dinâmica desse processo produtivo pode ser analisada também em relação à quantidade produzida, pois em 2012, Uruçuí registrou a quantia de 253.415 toneladas, o que representou 20,4% da produção estadual, conferindo-lhe a segunda posição entre os municípios produtores de soja (IBGE, 2014).

Destarte, Heredia et al (2010) acreditam que a expansão do cultivo de lavouras temporárias com padrões empresariais de produção, oportuniza reflexões sobre os impactos do agronegócio nas práticas produtivas da agricultura familiar, na medida em que o agronegócio privilegia a monocultura em larga escala, por intensificar o uso da mecanização e de insumos modernos, o que redundará na industrialização do campo.

Logo, para Silva (2014), o agronegócio estabelece novas realidades nas paisagens, na organização do trabalho, nos hábitos e nas sociabilidades, através do incremento das trocas que desencadeiam, interferem, sofrem influências, alteram as condições de vida locais e, especialmente, modificam os processos de reprodução da agricultura familiar.

Embasado nessa exposição, questiona-se como os agricultores familiares ajustam seus conhecimentos, costumes e técnicas tradicionais à racionalidade do agronegócio. Em razão disto, este trabalho analisa o hibridismo cultural praticado em área de cerrado piauiense, tendo como exemplo axiomático a realidade das práticas agrícolas de agricultores familiares do assentamento rural Flores, que se localiza no município de Uruçuí-PI. Para tanto, foram entrevistados 57 sujeitos, entre novembro de 2014 a março de 2015, cuja investigação se debruçou sobre os traços econômicos e culturais, além da percepção dos agricultores sobre a consolidação do agronegócio em Uruçuí. Outrossim, faz mister realçar que as reflexões expostas fazem parte de pesquisa doutoral (em andamento) sobre os impactos do agronegócio nos modos de vida dos agricultores familiares nos cerrados piauienses.

Sublinha-se que a escolha de Flores se justifica por está estrategicamente localizado nos limites geográficos de grandes propriedades rurais produtoras de grãos e por ofertar mão de obra temporária a tais propriedades.

Assim, os resultados da pesquisa demonstram que os agricultores familiares possuem:

I. Baixos rendimentos monetários, haja vista que 44% dos entrevistados apresentam renda mensal inferior a um salário mínimo e para 52,5% a renda fixa-se entre um e menos de dois salários mínimos;

II. Dependência aos equipamentos considerados tradicionais (enxadas, facões, machados, foices, plantadeiras manuais, etc.), pois 100% dos agricultores utilizam, de maneira precária, tais equipamentos. Por outro lado, constata-se que 41% dos agricultores incrementam tecnologia moderna em suas lavouras, sobretudo, tratores e colhedeiras, mas essa inserção onera sensivelmente seus rendimentos monetários, na medida em que se desenvolve mediante contratação por capital. Ademais, 86% dos agricultores pulverizam suas plantações com o uso de insumos químicos nos quais 69% são fertilizantes e 31% são agrotóxicos;

III. Intenso processo de desterritorialização/(re)territorialização, pois 72% dos agricultores familiares tem alguma experiência de trabalho vinculada à grande propriedade rural produtora de grãos;

IV. Compreensão do agronegócio enquanto mecanismo de sucesso das safras e de rentabilidade, já que 68% dos agricultores familiares entendem o agronegócio como um elemento que sintetiza a “boa produtividade”, por sistematizar as operações de produção agrícola e comercialização das mercadorias. Dessa forma, o agronegócio funciona como agente ideológico do “progresso econômico”.

V. Preservação dos saberes e práticas cotidianas, sobretudo, aqueles relacionados à produção agrícola e à vida sociocultural. Essa preservação se materializa por meio da transmissão transgeracional na qual 93% dos agricultores relacionam suas experiências sobre as etapas do processo produtivo (limpar o terreno, preparar a terra, plantar, cultivar, colher, armazenar e comercializar), os simbolismos (dia de Santa Luzia e São José, por exemplo) e dos conhecimentos sobre as condições meteorológicas ou fazes da lua, aos ensinamentos advindos da geração anterior, principalmente dos pais.

Portanto, conclui-se que contato dos agricultores familiares de Flores com o agronegócio não eliminou seus contextos históricos, tampouco esses atores sociais são inertes à modernização do campo. Não obstante a importância da tradicionalidade como característica que expressa suas estratégias econômicas, culturais e ambientais, entende-se que a manutenção dos seus modos de vida dependerá da forma como adaptam os saberes e as práticas tradicionais ao processo de modernização do campo. Nesse sentido, afirma-se que a continuidade dos modos de vida rurais se sustenta na hibridação entre o

antigo e o moderno. Por isso, os modos de vida se (re)definem no espaço/tempo e, por sua vez, resistem ao avanço do agronegócio.

Referências

CARVALHO, D. C. M. de. **Agricultura familiar em Uruçuí**: multifuncionalidade e impactos ambientais. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A modernização dolorosa**: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HEREDIA, B.; PALMEIRA, M.; LEITE, S. P. Sociedade e economia do “agronegócio” no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.25, n.74, p.159-176, out., 2010.

IBGE. **Bancos de dados sobre a produção agrícola municipal no Piauí entre 1990 a 2012: Uruçuí**. Disponível em:
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=PA&z=t&o=11>. Acesso em: 18 de dez., 2014.

SILVA, M. V. Pequenos municípios e agronegócio: dinâmicas e impactos em Sebastião Leal (PI). In: **Informe Econômico**, Teresina, ano 16, n.31, p. 69-78, 2014.